

Artes

Nas trilhas



O rock é um movimento musical que incorpora anseios de felicidade, justiça, ação política, trabalho,

preguiça, prazer e outros, podendo possuir implicância com os sentimentos e ações das pessoas. O gênero musical é batizado com essa denominação no ano de 1951 por Alan Freed, um discjôquei que extraiu o termo de uma canção de blues de 1922, “relançada depois da [2ª] Guerra [Mundial] por Big Joe Turner: ‘my baby she rocks me with a steady roll (...)’.¹ Esta canção, em sua época, sugere evidentes conotações sexuais.

Contudo, os princípios do rock não se restringem a este fato, pois trata-se de um gênero artístico que possui ramificações anteriores a esse período e que se alastrou por vários outros países, mesclando aspectos universais e particulares.

No Brasil apresentou-se como um movimento musical que se estabeleceu a partir de manifestações locais, mas com fortes afinidades com os movimentos em voga na Europa e nos Estados Unidos. Porém, antes de abordar as formas através das quais o rock se estabeleceu no Brasil, é providencial apresentar alguns aspectos básicos da sua composição histórica junto aos países nos quais o gênero propagou-se inicialmente. Tal encaminhamento é de fundamental importância já que é através da caracterização do rock como condição histórica que se pode perceber as implicações posteriores do fenômeno nas nações que readaptaram o mesmo como um movimento artístico, entre outros, o próprio Brasil dos anos de 1980.

Destarte, no plano externo, a consolidação desse movimento artístico ocorre nos Estados Unidos e na Inglaterra. Nestes países, os compositores elaboraram suas canções primordialmente através da fusão entre o *blues* e o *jazz*², gêneros estes que estabeleciam implicações concretas com a cultura negra, tratando-se de uma linguagem oriunda do continente africano que teve significativa adesão dos roqueiros. Como ressalta David Tame:

Musicólogos e historiadores não têm dúvidas de que os ritmos dos tambores da África foram transportados para a América

e ali transmitidos e traduzidos no estilo de música que veio a ser conhecido como *jazz*. Visto que o *jazz* e o *blues* foram os pais do *rock and roll*, isso também significa que existe uma linha de descendência direta entre as cerimônias do vodu africano, através do *jazz*, e o *rock and roll* e todas as outras formas de música *rock* hoje existentes.³

O *jazz* e o *blues*, gêneros que se constituem a partir do final do século XIX, sofrem diversas transformações e no final dos anos 1930, com o aperfeiçoamento da guitarra elétrica, surge um novo estilo musical: o *rhythm & blues*⁴. Este estilo — acompanhado das potencialidades sonoras e poéticas das melodias e interagindo com outros gêneros musicais, tais como o *country* —, vai gradualmente dar início ao rock enquanto movimento nos anos 1950. Nesse contexto:

...o *blues* começou a encontrar um mercado branco.

Simultaneamente, juntaram-se vários outros elementos destinados a resultar na revolução do *rock*. O mais significativo dentre eles foi a popularização da música *country* (sertaneja) americana. Retendo apenas os temas mais decadentes da música *country* e fundindo-a ao estilo negro, mais vivo, de tempo, a música *country* virou *country-boogie*, o que, por seu turno, levou ao *rockabilly*.⁵

O *country* foi, entre outros, mais uma significativa vertente musical na formação do *rock and roll*. Surgiu da mescla da música das comunidades de brancos pobres das áreas rurais e da música dos vaqueiros que ocupavam o Oeste dos Estados Unidos, sendo, em muitos casos, tão marginalizado como o *rhythm & blues*.

Segundo Roberto Muggiati, “é ponto pacífico que o *rock and roll* nasceu do encontro destas duas grandes correntes: o *rhythm & blues* e o *country-and-western*. Talvez por isso ele seja também – fusão de outras fusões – uma forma tão plural.”⁶

Dessa maneira, evidenciam-se aspectos que sinalizam para a fusão de variados estilos musicais que vão integrando a constituição do rock enquanto gênero artístico. Porém estas inter-relações não possuem implicações apenas com canções marginalizadas – pelo menos na sua essência como é o caso do *jazz*, do *blues*, do *country*, entre outros – pois o rock apresenta também imbricações com a música considerada erudita, principalmente com relação a músicos

do início do século XX. Entre outros, destaca-se o compositor russo Igor Stravinsky, principalmente a obra *Le Sacre du Printemps*⁷, de 1913, devido à sua originalidade e agressividade dos sons, expressas no emprego violento e irremediável de seus ritmos, característica que exerceu, 40 anos depois, influências significativas sobre o rock.

O diálogo entre música erudita e o rock, segundo o músico e compositor Tom Zé, intercala-se nos seguintes graus: “Os blocos musicais que Beethoven usara em tempos fortes, transformando a orquestra num tambor primevo, Stravinsky os extremou em compassos irregulares e complexos. Agora, ali, em ‘Rock around the clock’, eram mais violentos por serem a base dos compassos de uma prosaica canção popular.”⁸

Portanto, essa pluralidade musical arquitetou a música-rock que, durante as décadas posteriores a 1950, transformou-se num fenômeno global, interferindo nas perspectivas de vida das pessoas, principalmente da juventude, multiplicando-se sob variadas vertentes musicais, tais como o estilo progressivo, punk, *heavy metal*, entre outros. Nomes como os de Elvis Presley, Beatles, Rolling Stones, Jimmi Hendrix, Janis Joplin, só para citar alguns, tornam-se referências para a maioria dos jovens em diversos países. O rock adquire assim significativa importância sociocultural diante das imagens históricas das décadas de 1960, 1970 e 1980, surgindo a princípio como marginal, mas sendo apropriado pela indústria cultural, que faturou milhões com este gênero musical. Simultaneamente, no entanto, marcou o campo artístico na segunda metade do século XX, chamando a atenção das pessoas através de suas imagens e mensagens políticas, sociais, lúdicas, contrariando sentimentos e ações e mostrando-se para o mundo em eventos como o histórico Festival de Woodstock de 1969⁹.

Como suporte da ampla circulação de informações estão as inovações tecnológicas surgidas a partir dos anos 1940 e que facilitarão, de forma jamais vista, o acesso das pessoas às informações mais variadas sobre acontecimentos ocorridos no mundo.

Surgidos num primeiro momento na Europa e nos Estados Unidos, os impulsos contraculturais da década de 1960 parecem ser um dos exemplos fundadores desse tipo de manifestação: as revoltas estudantis, os

do rock

Por Róbi J. Schmidt*

concertos musicais promovidos pelo movimento “hippie”, além de outras práticas ligadas à contracultura, foram divulgados em praticamente todo o mundo. É claro que a divulgação desse fenômeno teve reações as mais diversas possíveis. No Brasil, por exemplo, marcado pela repressão exercida pelo regime militar instaurado a partir de 1964, tais imagens e idéias interferiram consideravelmente na estruturação de grupos contrários ao regime. O que prevalece, no entanto, é a amplitude planetária assumida pela divulgação dessas imagens e idéias.

Expandindo-se por vários países, o rock chega ao Brasil no final dos anos 1950¹⁰, não como um movimento artístico, mas sim como um indicio que levaria em torno de três décadas para ser caracterizado como um movimento que gradualmente iria adquirir expressão coletiva, processo este que foi tomando maior dimensão com a Jovem Guarda, na década de 1960, e, com a Tropicália, na década de 1970. Nesse período, também se constituiriam os primeiros grupos de rock que assumiram uma posição bastante autêntica: Raulzito e os Panteras, Secos e Molhados, Mutantes, entre outros. Destes grupos, destacam-se posteriormente alguns nomes que passam a desenvolver carreiras-solo: Raul Seixas, Rita Lee, Ney Matogrosso etc.

Apesar da riqueza que essas bandas revelaram nesse período, elas não podem ser compreendidas como um movimento musical propriamente dito já que sua abrangência se restringiu a um campo bastante específico. Contudo, na primeira metade da década de 1980, o rock passa a ser uma das significantes artes de consumo do público brasileiro, pois este pode ser considerado como momento de significativa adesão no Brasil. O rock se intensifica e se consolida a partir do ano de 1985 com a primeira edição do *Rock in Rio*¹¹, evidenciando-se nesse período como principal gênero musical do país.

Dessa maneira, a materialização das canções de rock no Brasil dos anos 80 é visualizada através de uma variação musical — reunindo movimentos e ritmos locais e internacionais: Punk, Tropicália, Blues, Samba etc. — intercalada a tensões e contradições de manifestações culturais, econômicas e políticas dos últimos trinta anos — também de caráter interno como externo —: ditadura militar, campanha pelas eleições diretas, abertura política, proliferação da Aids, consolidação da cultura

urbana, inovações tecnológicas, entre outras. Essas manifestações de ordem coletiva interferem nos sentimentos e nas ações da sociedade brasileira na década de 1980, formando um campo propício para a juventude brasileira se manifestar através desse gênero musical.

*Doutorando em História pela Unicamp.

Notas

¹ A tradução da frase é a seguinte: “minha garota me embala com um balanço legal (...)”. MUGGIATI, Roberto. *História do rock*. São Paulo: Editora Três, 1984, p.19.

² Esses dois gêneros musicais podem ser sinteticamente definidos da seguinte maneira: “Blues e jazz corriam em linhas paralelas, como os trilhos de uma ferrovia. Do lado do blues, de origem rural, estavam os *songsters*, os cantores; do lado do jazz vinham os *musicianers*, os instrumentistas. Campo e cidade se opunham: os músicos rurais, sem acesso aos instrumentos (com exceção do violão, da gaita e de instrumentos de fabricação doméstica), concentravam-se no canto; os músicos da cidade, com grande disponibilidade de instrumentos de sopro, deixavam o canto de lado e criavam, a partir das *brass bands*, o estilo de Nova Orleans, baseado na improvisação coletiva. O formato clássico incluía corneta (ou trompete), clarineta e trombone — entretecendo polifonicamente a melodia —, apoiados por banjo, tuba e tambores.” MUGGIATI, Roberto. *Blues: da lama à fama*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 155.

³ TAME, David. *O poder oculto da música: a transformação do homem pela energia da música*. São Paulo: Editora Cultrix. 1984, p. 205.

⁴ “O *rhythm & blues* na verdade era uma forma de blues urbano mais rápido, usando guitarras e eventualmente baixos eletrificados. Abria também sua instrumentação para saxofones estridentes e roucos, imitando gritos e — contrariando a índole melódica do instrumento — ajudando a marcar o ritmo frenético da nova música.” MUGGIATI, Roberto. 1995. Op. cit., p. 166.

⁵ TAME, David. Op. cit., p. 218. De acordo com o autor, o *rockabilly* é a música popular resultante da fusão entre o *rock* e a música *country*, isto é, a música sertaneja americana.

⁶ MUGGIATI, Roberto. 1984. Op. cit., p.13.

⁷ O título da obra é traduzida como *A Sagração da Primavera*. Stravinsky baseava-se no conceito de uma cerimônia pagã. “Na música da Sagração da Primavera, pagã, selvagem, agressiva e ferozmente impeta, as melodias parecem destinadas a assustar e as harmonias a despedaçar a mente.” TAME, David. Op. cit., p. 103. “*Le Sacre du Printemps* é (...) o furioso movimento polirrítmico das danças, as dissonâncias ásperas da escritura extremante cromática e politonal parecem-lhes o retrato musical dos tempos novos, da nossa

época das máquinas. Quase já não se percebe que a obra foi concebida como evocação dos tempos bárbaros da Rússia pré-cristã e pré-eslava, dos citas; que é uma obra de primitivismo produzida com os recursos do mais requintado intelectualismo.” CARPEAUX, Otto Maria. “A música nova”. In.: _____. *Uma nova história da música*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p.343.

⁸ ZÉ, Tom. Entrevista. In.: Caderno Mais – *Folha de São Paulo*. 14 de janeiro de 2001, p. 03. O autor está se referindo à música de *Rock Around the Clock*, interpretada por Bill Halley e pertencente à trilha sonora de *Balanço das Horas*, filme assistido pelo autor em 1956.

⁹ O Festival de Woodstock, realizado nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1969, reuniu entre 400 e 500 mil pessoas, ocupando uma fazenda na pequena cidade de Bethel, Nova York. O evento foi transferido para esta cidade depois que a prefeitura de Wallkill vetou sua realização. Este foi um evento que simbolizou a chamada “geração hippie”: transgressão, uso de drogas, liberalidade sexual, críticas políticas à Guerra do Vietnã, etc. *Revista ShowBizz*. Nº 07, julho 1999, pp. 39-41.

¹⁰ No Brasil, o rock inicia seu percurso com a versão em português de “Rock Around the Clock”, gravada em 1956 por Nora Ney, cantora especializada em sambas de fossa. Aliás, o primeiro rock composto em português não ficou atrás. O single “Rock and Roll em Copacabana”, (de autoria de Miguel Gustavo) foi gravado em 1957 por ninguém menos que Cauby Peixoto, um dos mitos da Rádio Nacional, bastião do que se entendia por música brasileira na época. Cf. DAPIEVE, Arthur. *Brock: o rock brasileiro dos anos 80*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 11.

¹¹ O Rock in Rio foi um divisor de águas que marcou a entrada oficial do rock nacional dos anos 80 no mercado musical. O festival produzido por Roberto Medina, aconteceu entre os dias 11 a 20 de janeiro de 1985, em Jacarepaguá no Rio de Janeiro. Nesse período atraiu 1.380.000 espectadores, sendo patrocinado e transmitido ao vivo pela Rede Globo. O evento chamou a atenção da indústria cultural, pois se tratava de uma fatia do mercado até então ignorada, e o p o s t a basicamente pelo público jovem. Consultar: *Revista Som3*, n. 74, fevereiro de 1985; MOTTA, Nelson. *Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000, p. 385.

